

QUERO

de

Maria Helena Romão

Personagens:

ANA 1

ANA 2

PRIMEIRO ATO

ANA 1: Foi lávio, me sêta, você está me machucando.

ANA 2: Não aprende a me respeitar ainda que seja pela força.

ANA 1: Por favor me sêta... te imploro!

ANA 2: Não torte! Não mais torte!

ANA 1: Tá quebrando meu braço!

ANA 2: Suplique mais forte!

ANA 1: Por favor... Não aguento mais. (Ana 2 aperta mais ainda) Ah!

ANA 2: Suplique, te dói!

ANA 1: Tá doendo... por favor. Prometo que não voltarei a acidentá-lo, mas me sêta!

ANA 2: Suplique, filha da puta, vamos digitar!

ANA 1: (sem baixar) Te suplico!

ANA 2: Não te escuto, mais forte!

ANA 1: (gritando) Te suplico! Te suplico! Te suplico!

ANA 2: (silêncio a) Chegal (pausa) É assim que eu gosto. Ainda tem que você volte a rir! Está vindo como eu esperavolta te convencer? Foi você quem procurou.

ANA 1: Você é cruel.

ANA 2: A verdade não tem nada a ver com isso, minha querida. Estou somente te persuadindo. Não se torte assim um tanto quanto devia... torte?

ANA 1: Não sinto que...

ANA 2: Sim, claro que não! É só porque não entende o que significa o poder da força. (pausa) Quando o pensamento lógico se nega a funcionar por si mesmo, é aplicada a força física. É só isso que resta. É a regra geral. Consegue agora?

ANA 1: Sim.

ANA 2: Bom, muito bem... Agora relaxe um instantinho melhor.

ANA 1: É, mas sinto que você quebra meu braço!

ANA 2: É tipo muito fácil por isso, por isso se torte um pouco tá quebrando o cabelo... que é o que você realmente precisa. Você deve aprender as coisas muito bem lindinha. Aqui quem

chamê-la sua avó. Não soube desobediências... nem... espécie de rapidez alguma. Entendeu?

Mas amor.

ANA 1: Sim.

ANA 2: Portanto, não me incomode, não me preocupe novamente.

ANA 1: Mas é verdade, essa longa está mesmo muito!

ANA 2: E pare já de se queixar! (pausa) Espero não precisar repetir as condições do meu teste. Talvez na sua maneira de ver as coisas eu te pareça um pouco injusta, mas quero que você entenda que tenho a minha autoridade sobre você. De outra forma você estaria comigo.

ANA 1: Não poderia... Você sabe muito bem como sou. E é por isso que se aproveita. Eu não sou tão forte.

ANA 2: Mas é estúpida, eu quero a mesma coisa... A atitude de vocês é mais perigosa que a longa. Uma essa vontade indômita e sua paixão aí com castelos de mentes ingênuas, querendo o quê? Convoque-me. Gostaria que me contagiasse com essa aparente impetuosidade, mas isso não vou te permitir. (pausa) Brrr! Se te machuquei.

ANA 1: Obrigada.

ANA 2: Não era a minha intenção. Você tem sede que eu não gosto de fazer isso, mas você me provoca.

ANA 1: Eu sei.

ANA 2: Já sei que meus métodos são um pouco... toscos... mas você não me deixa outra alternativa.

ANA 1: Não tem por que ficar se justificando. (pausa) Precisa te fazer uma pergunta?

ANA 2: Não.

ANA 1: Mas é que...

ANA 2: Já disse que não! Sei muito bem o que vai me perguntar. Antes de pensar, sei exatamente o que vai me dizer. E ainda porque que não entende, não consigo compreender o significado da palavra "não". Ainda mais quando sou eu que a digo. (pausa) Bem... agora que a minha supremacia e onipotência ficaram completamente indefeitas... Podemos começar, madama?

ANA 1: Não posso.

ANA 2: Tem que poder, você é absolutamente indispensável!

ANA 1: Indispensável? Para quê?

ANA 2: Para o que me dá vontade. E isso não é o suficiente?

ANA 1: Por favor, me deixe descansar um pouco.

ANA 2: Está bem. Vou fazer-lhe uma concessão, mas você só deve ver e não pensar que faço para agradar-lhe.

ANA 1: Já sei que não é por isso. Eu te disse antes, não é mesmo?

ANA 2: Pena? Vont dizer pena? Não minha querida, isso é um sentimento que jamais pertencera a mim mesma também.

ANA 1: É então o que me deve a sua repentina transigência?

ANA 2: É por que não tenho um pouco... cansada.

ANA 1: Não acredito!

ANA 2: Me importa o caráter de credulidade de você.

ANA 1: Perdição.

ANA 2: Eu também me sinto às vezes... não sabia?

ANA 1: É, acho mais estranho, isso é tudo.

ANA 2: O que é que tem de tão estranho? Heins? Não sou um ser humano como qualquer outro? Quem? O outro, não sei porque estou dando tantas explicações. Não tem importância. A única coisa importante na realidade, é que você está sob meu poder. Eu sou o poder.

ANA 1: Não sou por muito tempo, é sempre igual.

ANA 2: O que dizem matamata. Não sei que de lá tem chegada, talvez é um apodera a lá *magico*?

ANA 1: Bravo! Bravo! Sempre foi muito bom ainda isso? Já de se reconhecer!

ANA 2: Verdade?

ANA 1: A mais bela coisa de todos os tempos! A melhor número um! A que mais brilha no firmamento da arte!

ANA 2: Não sei por que, mas acho que você está me falando.

ANA 1: Eu? Quando? De wood? Estou falando a mais pura verdade. Nada mais que a verdade!

ANA 2: Não vou permitir que você tente de mim desta maneira. Entenda?

ANA 1: É claro wood é uma arte!

ANA 2: É você, a mais brilhante artista.

ANA 1: Desculpe.

ANA 2: Com a boca, não sabe dizer nada melhor que beijando!

ANA 1: Perdição.

ANA 2: E não me peça mais perdão.

ANA 1: Permiti que você gesticule!

ANA 2: Escute aqui, não perdoar! Eu vou te dizer de que eu gosto e do que não gosto. O wood não tem nenhum direito de pensar por mim... Não sequer lutar de me substituir sem que eu tenha pedido. E agora é melhor wood se preparar... Prepare-se, estou te desafiando!

ANA 1: Mas wood disse que ia me deixar desafiado!

ANA 2: Não foi então, agora estou ordenando o contrário.

ANA 1: Por favor...

ANA 2: Estou dando uma ordem.

ANA 1: Está bem, está bem, não se afrite... Você ganhou. E agora temos que começar do princípio?

ANA 2: É claro que não, sempre se começa do princípio, a palavra mesmo explica: começar, iniciar, emprestar, se began.

ANA 1: Oh! Oh! Não ajuda?

ANA 2: Ajuda? Onde está sua cadeira? Ou melhor, a sua cadeira?

ANA 1: Não sei, você a pegou por aí?

ANA 2: Tá esperando-o quê? Hehe! Anda... vai pegá-la, vai pegar!

ANA 1: Eu?

ANA 2: Sim, você. Quer que eu vá, traga a cadeira e te mostre nada?

ANA 1: Você sabe que eu não posso.

ANA 2: Claro que pode! Tanto a querer!

ANA 1: Não posso ficar em pé!

ANA 2: Claro que pode!

ANA 1: Não posso!

ANA 2: Então arraste-se, (passa) hehe... arraste-se! Quer que você vá se arrastando como uma serpente e me traga a cadeira ali aqui. Exatamente aqui onde estou de pé. Vamos!

ANA 1: (passa) Está bem, eu vou (começa a se arrastar).

ANA 2: Muito bem! Você está ótima se arrastando. Sabe com o que se parece? Uma enorme tartaruga gorda e repleta, arrastando-se assim pelo chão. Vamos continuar. Está cansado? Está com dor na barriga? É de tanto se arrastar? É? Vamos, continue. Cansado... cansado... olha para frente. Não vá perder a cabeça, minha proximista. Continue, você já está chegando. hehe... é assim que eu gosto. Sabe que você está muito engraçada deitada? Por que é que não para um pouco antes?

ANA 1: (parando a cadeira) Bem, agora você me ajuda.

ANA 2: Eu? Ajuda? Agora que eu vim tirar toda sua carga e ajudar a condução da tartaruga? Você precisa vir vir até aqui sentada na cadeira tal qual eu ordeno!

ANA 1: Não posso, você sabe que não posso.

ANA 2: Ah, está se rebelando? Não é?

ANA 1: Não, não, não é rebeldia. É só vagarosamente não.

ANA 2: Agora se querendo? Se querendo de sua posição? Eu não permito que isso

ANA 1: Não seja eu, ajude-me, (passa) Tá imploro.

ANA 2: Não tenho outra opção senão poder, mas este favor te custará caro, e você vai me pagar um dia.

ANA 1: Fazer o que te satisfizer, mas por favor me ajude!

ANA 2: Fazer com uma condição. De acordo?

ANA 1: Sim, tudo feito. (Ana 2 coloca Ana 1 na cadeira de rodas e se dirige até o centro da substituição) Então fui um sonho muito especial... muito especial... Quer que eu conte?

ANA 2: Não.

ANA 1: Não, eu vou te contar. Contei que estive em uma cidade maravilhosa...
-Maravosa... Uma grande cidade cheia de gente! As pessoas iam e vinham para lá e para
lá. Bem gente! E todo o que aconteceu? Me conta algumas histórias... Uma para cada
uma, é claro. Depois podemos... A minha... era verdadeira. Viu? e eu decidimos dar um
passinho com nossas lindas bicicletas. Ah! que chegaram em um grande parque, que não
era para esquecer o fim. "Vá lá, vá lá!" E mais verde, e por aí começamos a correr como
loucos em nossas bicicletas. A minha era vermelha! Eu te falei, né? Vermelha e muito alta,
tão alta que eu só chegava à altura do peito. Mas, mesmo assim tinha a uma velocidade
vergelheira. Com tanto e tanto, que chegou um momento que tive de pular. Foi aí que
percebi tua ausência!

ANA 2: Eu não estava?

ANA 1: Não!

ANA 2: Impossível. Isso não pode ser!

ANA 1: Ah!-que vida de criança... eu lembro não conseguir me alcançar e focar para trás,
em alguns lugares enquanto eu corria, corria. Parei para respirar, e descobri que você não
estava. Olhei para todos os lados... Tentei de te procurar de longe, mas foi inútil. Já não
podia vir. Então decidi me deitar sobre a grama de boca para cima, e receber toda a minha
corpo de eu, até ficar vermelha (pausa)

ANA 2: E depois?

ANA 1: Depois? Foi maravilhoso! Ele estava ali... de pé observando-me com um olhar tão
doce, tão bom, tão azul... tão profundo!

ANA 2: Quem? Quem era ele?

ANA 1: O príncipe! Estava ali... a uma pequena parou de mim... e me olhou. Me olhou com
aqueles olhos tão doces. Era tão cheio de...

ANA 2: De quê? Continue!

ANA 1: Tão cheio dele. Não deixava de me olhar um só minuto. Parecia que estava
tentando me dizer alguma coisa... Era como se eu estivesse hipnotizada. Então eu sou, e
ele respondeu ao meu sorriso. Foi tão... tão... Bem! para mim, ele se aproximou lentamente.
Continuava sorrindo, e me olhando feliz.

ANA 2: Como era sua voz? O que é que ele te falou?

ANA 1: Era a voz dele! Sua própria voz! Primeiro perguntou meu nome. "Ana... que doce
nome!" Me falou e se aproximou até que pude segurar minha mão.

ANA 2: Mentira!

ANA 1: É assim como minha mão se te deslizando entre as suas, como se fosse pedacinhos
de açúcar. "Como você é maravilhosa! Gostaria tanto de fazer amor!"

ANA 2: Não pode ter se tratado assim, mentira!

ANA 1: Sim, falou isso... e não somente isso... Falou muitas coisas mais...

ANA 2: Mentira?

ANA 1: E então comecei a tocar-me suavemente... Seus dedos deslizaram por meus braços, até que senti como apertava-me a cintura... Logo as coxetas... lá me rodeando, preso à pele. E beijava-me o cabelo, os ombros, os olhos, os lábios...

ANA 2: Mentira? Mentira?

ANA 1: Eu me deixei levar... não fiz nenhum gesto... sem um movimento... me deixei levar. Ele foi me apertando muito suavemente, até ele... seu corpo e o meu estavam juntos... fomos um e dois... fui me fundindo entre seus braços... envolvia-me no cheiro do seu cabelo enquanto sentia como suas mãos me seguravam... descobrindo cada parte do meu corpo com muita suavidade. Era tão bom sentir-se em cima de mim, abraçada a minha cabeça. Ele sentia tão bem entre seus braços... Deixei minhas pernas...

ANA 2: Calê-se! (pausa)

ANA 1: Que foi? Não quer que eu termine de contar?

ANA 2: Tudo o que você está me falando é mentira! Uma simples mentira! Você não contou nada!

ANA 1: Sim, contou.

ANA 2: Você pretende que eu acredite nisso? Você não contou nada! Eu sei que é uma mentira! E você acaba de inventar, faz isso para me fazerem, para me julgar... Eu sei que é mentira!

ANA 1: Eu juro que foi verdade! Eu soube, lá fora!

ANA 2: Não acredito! Então jureme sinceramente!

ANA 1: Então bem, está bem, se não quiser, não acredite!

ANA 2: Tem que ser mentira!

ANA 1: Olé Olé! Não é sonho! (pausa) Não pensei que incomodava!

ANA 2: Sabe o que é que me incomoda? Que você minta dessa maneira tão ridícula! Pense que sou idiota!

ANA 1: Esqueça! Paga como se não tivesse contado.

ANA 2: Porque era mentira! Não era uma grande coisa, não tinha porque, e ele não tinha nenhum olhar doce, nada... amoroso... de alguém que sepa.

ANA 1: Era amor e o parque... Esqueça! É mentira. Não contou nada. Tudo foi uma invenção para atormentar-me. Esqueça!

ANA 2: É isso, né? Você pretende mudar as regras do jogo, não é mesmo? Por que não conta o que realmente aconteceu?

ANA 1: Não quero falar mais disso!

ANA 2: Por que não conta a verdadeira versão? Quer que eu te fale o que realmente aconteceu?

ANA 1: Calê-se, por favor! Não seja atorçada.

ANA 2: Tem medo que eu descubra a verdade? Que se trata de um jogo, um horrorista malagá no meio das coisas... um malagá comum cheio de mundices, falsidades, e coisas enormes e gólicas. É o tal princípio, na verdade, um talafado, desleixante e utilitário. Que te venha ao malagá e que te ofenda com esse ofício ofício tujo de coisas falsas!

ANA 1: Mãe!

ANA 2: Não te é que amateiras? E você não podia jogar... claro. Não consegue um sorriso porque você é uma idiota parálida... Não consegue tempo para poder jogar, porque ficou muito do tempo!

ANA 1: Você é malagá!

ANA 2: E antes de você perceber o talafado já a coisa corria e caiu, com as pernas bem abertas, involuntariamente sobre a sua inutilidade complexa, te tornando com aquelas mãos abertas. E crescendo seu enorme membro sobre uma e outra vez... acrobaticamente as acrobacias sobre o malagá!

ANA 1: Mãe! Chega! Chega! (levantando de cadeira e correndo para a janela) Chega!

ANA 2: (monstruosamente fadiga intensa) Volta para a cadeira!

ANA 1: Mãe (peona) não jogo mais. Desta vez você foi longe demais!

ANA 2: Ainda não termino.

ANA 1: É isso. Acabou!

ANA 2: O que foi? Ficamos um rato.

ANA 1: Esqueça.

ANA 2: Tem que continuar.

ANA 1: Esqueça! Você esnaga tudo!

ANA 2: Por que você me enganou?

ANA 1: Mãe de merda! E outra, não quero continuar te esnagando. Esnaga de tudo que dirige até a mesa de desenho e começa a desenhá-la.

ANA 2: Tentei que procurar outros parceiros de jogo. (peona) Não tem, quer que eu pegue porção?

ANA 1: Por que é que você não vai para algum lugar e me deixa sozinha? Tentei chamar para mim.

ANA 2: Não vai me perdoar?

ANA 1: Sim, não te perdão, mas refiro-se do minha vida!

ANA 2: (vai até a cama e se deita de boca para cima) Você está muito suscetível ultimamente.

ANA 1: Você não quer saber a verdade, não?

ANA 2: Está bem, não se afobou...

ANA 1: Você está desmistificando minha relação!

ANA 2: Ah! Então esperando que antes não a li já não existe uma relação... Como poderíamos chamá-la? Fraternal? Abster? Espiritual? Não! O que existe entre nós é uma típica relação de dependência. É a mais típica de relação que você se refere?

ANA 1: Naturalmente! Não fazes mais que falar por falar!

ANA 2: Não se chama política... é a mais das melhores maneiras amor. Ou melhor, algumas, muitas amor suaves.

ANA 1: Mas alguma dia...

ANA 2: Alguma dia... o quê?

ANA 1: Não. Mas se quisesse.

ANA 2: Ah! Então! Já pensando que me suspender pelas costas? Está pensando alguma imediata resposta? Quer mais está suscitando novas complicações físicas? Continuou?

ANA 1: Ah! Não de fazer teus jogos? Não quero jogar mais!

ANA 2: Não estás jogando... isto não é nenhum jogo!

ANA 1: Com isto? Não ficaria louca? Porque está me oferecendo desse jeito?

ANA 2: Está com medo? Não, está com medo. Já para perceber... muito medo!

ANA 1: Você está pensando uma dimensão!

ANA 2: Como você se chama mentada?

ANA 1: Não sei! Não percebo que estou cansada de tudo isso?

ANA 2: Certo! Cansada muito... e faz tanto frio na tua... mas logo, logo você ficará melhor! Vou te apresentar os meus amigos. Todos são mais ou menos da tua idade. Vivemos aqui como uma comunidade.

ANA 1: Como se abelhas?

ANA 2: Não. Exatamente como as abelhas.

ANA 1: 'Wood' deve ser a melhora!

ANA 2: Obviamente.

ANA 1: O teu jeito não gentis... não elegante!

ANA 2: Não é a minha culpa o meu político. Logo te mostraré o jardim, mas antes tem que comer alguma coisa. Vou servir-te eu mesma. Já que logo é dia livre para os criados.

ANA 1: Certo que tentas que te incomodes por mim, rapidamente.

ANA 2: Será um prazer. Estou certa de que será uma noite muito especial. Na realidade, não visitamos muitos visitas. Alguns amigos é mais a...

ANA 1: Príncipes e outras coisas?

ANA 2: Exato! Príncipes, duques, duques, barões de grandes fortunas... Esse tipo de gente, você sabe.

ANA 1: Eu conheço um príncipe que tem outras aus.

ANA 2: Incomodada? Ah, é?

ANA 1: O confrei em um parque.

ANA 2: Que graça! Os príncipes em geral, as pessoas importantes não vivem em lugares públicos.

ANA 1: Mas ele estava disfarçado (discretos).

ANA 2: Você já me contou essa história mais adiante. Mas fique à vontade. Tive isso...

ANA 1: Mas... eu não tenho nada por falar.

ANA 2: Melhor! Assim você se sentirá mais leve. Não sempre andamos presos pelo público... isso nos faz esquecer mais tempo.

ANA 1: Tempo... pra quê?

ANA 2: Pra quê? Pelo... para estar nos na prisão, por exemplo.

ANA 1: Tem prisão aqui?

ANA 2: Claro que sim. Todo público vem com uma prisão instalada! Depois eu vou te mostrar. Mas vá, fique livre!

ANA 1: Não sei se deveria, majestade... a presença é uma coisa... me dá vergonha.

ANA 2: Não seja tolo. Olha eu também aqui, e te observo! O que acha? Parece-se na cabeça de todos!

ANA 1: Não! Não acho nada! É uma coisa? Ou não?

ANA 2: Graças! E enquanto isso vou me contar sobre seu príncipe de olhar azul.

ANA 1: O príncipe?

ANA 2: Não, me conte a fim de isso.

ANA 1: O contad um um parque.

ANA 2: Isso já sei. Tive a certeza.

ANA 1: Justo quando é muito importante contar! Ele se aproximou e me pediu para que ficasse assim.

ANA 2: E você fez?

ANA 1: Fiquei com vergonha.

ANA 1: Claro, era um parque público, não é?

ANA 1: Mas, naturalmente! Então, eu e todo aquele mundo parque verde. A grande cidade inteira... Me lembro... Me lembro...

ANA 2: E que mais?

ANA 1: É a minha filha, minha filha, minha filha. Ela falou de amor... de amor que poderia sentir um homem e uma mulher... falou de sonhos. Contamos os nossos sonhos, enquanto ele me beijava e sorria, me abraçava e abraçava...

ANA 2: Você tem a pele tão suave, como a seda. Que foi? Está falando com a pele amaciada. Por acaso está ficando nervosa, minha menina?

ANA 1: Não não nervosa... é uma sensação gostosa.

ANA 2: Não foi assim que o príncipe te fez sentir?

ANA 1: Sim.

ANA 2: Eu também posso fazer o mesmo. Deixe-me chamá-la. Tem a chave da grama verde.

ANA 1: Sim, mas agora.

ANA 2: Deixe-me tocar para você. -[SING]

ANA 1: Ah não! Não não.

ANA 2: Não tenha medo. Faça os olhos e pensei que sou seu príncipe.

ANA 1: Me volte.

ANA 2: Que foi aquela dor? Não sinto que gostava?

ANA 1: Deixe-me!

ANA 2: Deixe-me levar a vai ser igual a estar com ele na grama verde.

ANA 1: Não!

ANA 2: Me deixe tocá-la. Estou dentro de você.

ANA 1: Não me toque! Deixe-me!

ANA 2: Fique aqui, seu príncipe fantasia. Isso aqui não é momento público, e sim um jardim, e sou eu quem manda aqui, sou a rainha. E pare já de brincar.

ANA 1: Sou realista!

ANA 2: E tem mais, todos os países aqui são fantasmas e eu não sou precisamente a rainha e eu sei que você gosta. -[SING]-Beija-me!

ANA 1: Não, me volte.

ANA 2: Beija-me!

ANA 1: Não quer? Me volte!

ANA 2: Estou falando para me beijar, caralho! Ana 2 segura fortemente a cabeça de Ana 1 e a beija. -[SING]-

ANA 1: [SING]-Por que é que você tenta me fazer isso? Por que?

ANA 2: Por duas razões. Uma para te mostrar que sou melhor que seu príncipe... você não vai dizer que não gosta, não é? E outra, para te mostrar o que aconteceria se você parasse. É um destino inevitável.

ANA 1: Suponho que você fez tudo para me abrir os olhos, particularmente para proteger-me.

ANA 2: Mais ou menos. Não te esqueça que te devo proteção.

ANA 1: E por isso, quem sou rainha? Você é uma doce mentirinha?

ANA 2: Não, my darling. Sou alguma coisa ainda mais... faz tudo mal. Ou melhor ainda, sou seu jeito de guarda.

ANA 1: Então?

ANA 2: Oh! Não sou nada tão a sério. Foi um jogo, como sempre.

ANA 1: Um jogo para demonstrar a você mesmo que de mais longe de que eu. Mas por mais que você tente, nunca poderá me dominar completamente. Sempre encontrarei uma maneira de não ser em suas armadilhas, porque eu também sou a rainha!

ANA 2: Bravo! Você está aprendendo rápido!

ANA 1: NÃO-via permitir que me uses dessa maneira!

ANA 2: Eu não te uso, querida. Eu te incluo (porém) na rede de sobrevivência!

ANA 1: Me sinto à vontade momentaneamente para sublevar a tua dorça mental... me humilha...
m...

ANA 2: Continua?

ANA 1: Não!

ANA 2: Quem que eu mando realmente? (Quer que eu volte a demonstrar?)

ANA 1: O que parece, é que você gosta de mandar-me a si mesma. Deve ser porque não se sente segura de nada!

ANA 2: Já para permitir que está sendo...

ANA 1: Fazendo um trato.

ANA 2: Já fomos, não se tentem!

ANA 1: Outro. Podemos discutir aquele e fazer um outro. Um trato não é para durar a vida toda. Fazemos outros mais...

ANA 2: É uma prova?

ANA 1: É um jogo. Um desses jogos que você tanto gosta.

ANA 2: Você tem um criatividades... seria chatosness!

ANA 1: Então está com má fé.

ANA 2: Está bem, vamos fazê-lo. O que propõe?

ANA 1: Imagine por um momento, que eu sou você e que você sou eu.

ANA 2: E quê?

ANA 1: Imagine?... Via trata! Se te trata... de me comportar como você... e você trata que sou, como se fosse eu. É muito simples.

ANA 2: Não vejo graça.

ANA 1: Ah! Não quer se arriscar, não é?

ANA 2: Você disse que era um jogo? Mas jogos não se arrisca nada quando se é um vencedor.

ANA 1: Então aceita?

ANA 2: Sim, aceito.

ANA 1 Então... agora eu sou você. Sim... O-qual será? Ah, sim! Será uma coisa.

ANA 2: Já já fazemos antes.

ANA 1: Calma! Porco repete o que quiser se me der vontade. (pausa) Sou a rainha e por isso te ordeno que me prestes respeito e honra. (se justica) (pausa) (Se agora um dia não me mais ficar de pé, só se eu ordenar, entenda?)

ANA 2: Sim, sim!

ANA 1: Escute... não te contaste! Fazer a mente toda fazendo mundo dos diferentes segmentos que compõem uma gloriosa existência. Pela tarde, me amolou com minha música, catenente e mupitade. Pela noite assisti aos atos consummativos que pelo maluco

de minha coroação maris e as diversas entidades que mantêm relações com meu Reino...

AN1: Como você pode ver, mestres, tenho razões mais que suficientes para me sentir esgotada. Não é traga meu trono. Costaria de repouso... (Ana 2 se levanta) De qualquer jeito Orlando quer ficar em pé? Orlando?

ANA 2: Não, mas, sua afetuosa preta do trono.

ANA 1: Vá de pedras e acabe o traga aqui.

ANA 2: Sim, majestade. (pousa a pedra vai até a cadeira de rodas)

ANA 1: Qual é o motivo da demora?

ANA 2: É difícil levantar de pedras, afetuosa!

ANA 1: Por acaso se... (pausa) Ou então está as pedras e coloca pedras nos tocos. O que acha? (Ana 2 continua de pedras) É, sendo melhor acho que vai ficar muito melhor sem as pedras. Não é uma má ideia, eu poderia armar para que corrom o meu porco (Ana 2 consegue pagar a cadeira e a põe contra Ana) AN1: Condenada! Quanto me custa? Condenada! Tenho me matar aproveitando que eu estava de costas, hein? Resposta, não! Quanto me custa, não é verdade?

ANA 2: Condenada!

ANA 1: Condenada! Que nova palavra é esta que escutam os meus ouvidos? (Ana 1 volta Ana 2 que vai no chão) Vai me pagar? Você vai me pagar? (grasando uma corrente ou um alívio)

ANA 2: Fecunda/Fecunda!

ANA 1: Não é o que você merece, traidora, cachorra! Te farei pagar com sangue e teu arrependimento! Vou te fazer mil vezes até que não volte de aqui tão somente um tacho de ouro esmagado. Chora, filha da puta, chora! Quero que grite e me inspire a pedras Chora, tua mãe... (Ana 1 para por um momento e logo larga a corrente. Larga pausa. Aponta ao lado de Ana2) Te machuquei? Me pedras... por favor, eu não quis...

ANA 2: Me tortura mais... vai... Descarrega teu sadismo contra meu pobre corpo... me machuca, eu mereço.

ANA 1: Não sou o que pensava. Eu sinto... eu não quis.

ANA 2: Não chega o meu sofrimento? Você ainda se aproveita da minha humilhação - condição social para me humilhar, me machucar... impiedosa de mente!

ANA 1: Eu não sabia o que estava fazendo...

ANA 2: Você sabe perfeitamente que não tenho seu poder para me defender. Que qualquer intento de revolta seria rapidamente aplacado por sua força. Não seque tanto o prazer de fugir. Você é uma menta! Uma ditadora de menta!

ANA 1: Já sei que não queria te machucar. Me pedras.

ANA 2: É muito tarde para arrependimentos! Tua hora chegou, afetuosa.

ANA 1: Não entendi

ANA 2: Já estou farta... estamos farta de suportar seu materialismo desajustado e cruel. Não pode nos manter em sua dormente por muito tempo.

ANA 1: Não mantê? A quem? De quem está falando?

ANA 2: De nós... de povo. De seu povo opressor e utilizado pela injustiça e pela tirania de seu regime.

ANA 1: Parafetárá!!

ANA 2: Já é como que quiser, mas não tem se aproxima.

ANA 1: Não sei de que está falando!

ANA 2: Andaremos com sua monarquia corrupta. Já sei que neste momento pode me matar... mas não me deixará da situação de um povo. É quando libertamos sua catóica está matada como também, no dia da Festa Nacional em sinal de vitória, e todos não de saber como morreu a rainha, como uma serpente venenosa, desajustada. Agora, se quiser, mande que me fuja, que se chamo maruá!

ANA 1: Para quê? Não te basta ser a portadora da voz do povo? Quer também se convencer na facção maior dos desajustados e opressores? Mas não, não vou lhe dar esse gosto.

ANA 2: Não pode ficar de braços cruzados... sou a voz da consciência do povo.

ANA 1: A única consciência do povo sou eu!

ANA 2: Faça com que me fuja!

ANA 1: Não tanto vontade!

ANA 2: Se eu não for forçada te acorário do freque e te destruído.

ANA 1: Frequência "Frequência e destruição", é tanto esse lugar!

ANA 2: Você tem que fazer com que me fuja!

ANA 1: Muita leve! Não mande! Que não, mandarei te fuja.

ANA 2: Obrigada, amor!

ANA 1: Darei ordem ao polícia que te peguem, quem! Mas antes vai passar por um julgamento. Acusação? Agitação, rebeldia...

ANA 2: Julgamento?

ANA 1: Claro! Não quero que meu povo pense que tem uma governante... como se fala?

ANA 2: AMBULÂNCIA.

ANA 1: Não! Não fale de acordo com a lei. Calente agora!

ANA 2: Não!

ANA 1: Não é que é agora? Não posso te entender.

ANA 2: É você que parece não entender o jogo. Se me julga tudo está aliado.

ANA 1: Porquê? Não é o que chama o povo? Justiça?

ANA 2: Já pensei nos meios informativos?

ANA 1: Sim, e que tem dito a ver com isso? Os cidadãos se facilmente, se é isso que você quer.

(Ana é detida na cama, dando uma narçolha. Ana é então sentada na cadeira de rodar)

ADA 2: Aná! Ana, minha querida Ana... Finalmente podemos nos ver.

ADA 1: Tanto tempo foi perdido eu antes... Mas você sabe, na minha situação não é fácil...

ADA 2: Não diga mais nada. Eu compreendo.

ADA 1: Ninguém nunca faz algo para ajudar uma pobre inválida.

ADA 2: Eu posso imaginar.

ADA 1: Hoje pude convencer um amigo a me trazer até aqui. Você sabe como não as pessoas... Desde que se molham aqui, as coisas tem mudado muito para mim. Quando posso por alguns dias entre aqueles gente conhecida, logo começam a falar... Que foi por isso eu que fui por aquilo... Você sabe: É a pena, e a pena é assim.

ADA 2: Melhor é o que não! Mas, agora nada mais me importa sendo assim... Não preciso mais nada!

ADA 1: Ah! Não quero mais nada!

ADA 2: Mas, como? De que vai viver? Quem se encarregará de você?

ADA 1: Viremos! As coisas estão bem... Melhor que você... Assimile te faltam, não é?

ADA 2: Não, não! Eu não quero! Tem que se contentar, já havia previsto esta situação muitas vezes, não é?

ADA 1: Lá no lar, pensaram em organizar uma manifestação na frente do Congresso para exigir sua liberdade.

ADA 2: É sério?

ADA 1: Bem... eles tinham muita boa intenção, mas você sabe como é a pena.

ADA 2: Mas todo mundo tem a mesma força e coragem que eu?

ADA 1: Como se sabe?

ADA 2: Não sei, porque é a primeira vez em minha vida que me faltam. Não sinto nada.

ADA 1: Deve ser isso... Não... Não especial?

ADA 2: Não sei qual "especial" me falta.

ADA 1: Já foi o último desejo?

ADA 2: É de que me falta? Meu último desejo é que me deixem viver, e isso não será possível (grasos)

ADA 1: Certo muito.

ADA 2: Não esqueça tanto a sua vida. Serão poderemos conversar... Há tantas coisas que ainda gostaria de te dizer.

ADA 1: Não quero porque já tenho muita coisa tempo. Já me dizem muita coisa.

ADA 2: Suficiente para te dar alguns conselhos antes que chegue minha hora final.

ADA 1: Você não sabe que está exagerando?

ADA 2: É assim, incrível! Por acaso alguma vez já esteve a ponto de morrer?

ANA 1: Não.

ANA 2: Então não a busca e não me interrompa. Como não vou me preocupar com você? É tão indolente! Não sabe como entender a vida... Te imagino sozinho pelas ruas e pensando o que não vai fazer? (pausa) Pode morrer! É seu insólito destino.

ANA 1: Bem, não é para tanto. Posso trabalhar!

ANA 2: Quem? Você? O que você vai fazer? Da melhor, quem vai dar emprego para uma inválida?

ANA 1: Existem várias coisas que uma inválida pode fazer.

ANA 2: Erguer meu, quantas! Não há mais nada... Passarei seus dias perdida em sua cadeira de rodas na porta de uma igreja pedindo misericórdia.

ANA 1: Não sei.

ANA 2: Então pensando muito. Sei que agora você vê isso como algo terrível e até degradado... mas você nunca ouviu dizer que é bastante digno?

ANA 1: Na verdade é que não me agrada nem um pouco ter que mendigar por aí. Não posso continuar da maneira que estou agora?

ANA 2: Então, não!

ANA 1: Mas é que mendigar...

ANA 2: Já sei, ninguém gosta de mendigar, mas não para você: uma pobre inválida sem possibilidade de encontrar o emprego almejado, mas uma pobre mulher de humilhação sabe em que viveamos.

ANA 1: Não, obrigado. Prefiro a vida.

ANA 2: Qual vida, insatis? Não se enverga? É isso que você chama de vida?

ANA 1: O que quer que se diga? O que importa é estar vivo! Não me importa como... mas não é isso.

ANA 2: Que liberdade asquerosa! Como você é sua vida!

ANA 1: Se continuar me insultando vou embora!

ANA 2: Tá bom, tá bom, mas quando tiver que entender sozinho a sua própria responsabilidade, vai voltar de novo.

ANA 1: Talvez de novo!

ANA 2: Não diga!

ANA 1: Eu nunca pedi nada, não sabia como.

ANA 2: É muito fácil de querer a morte.

ANA 1: Agora?

ANA 2: Claro, agora mesmo.

ANA 1: Acho que não seria oportuno.

ANA 2: Depois, não poderemos. Olha, imagine que você está, neste momento, sentada na porta de uma igreja. Vai, imagine! Fique aqui. E eu serei uma dessas senhoras bem ruins que vai entrar para a miséria, de acordo?

ANA 1: O que tenho que fazer? Não é mais um papo teu, é?

ANA 2: Porque tem que... desconfiar de mim? Tá bom! Prometo não ter que fazer nada de bom... só que não tá muito muito. Anda... cara de feio! Assim não! Então um pouco mais a cabeça... Tem que sentir como de verdade. Fome de amor! Não fecha tanto os olhos. Supõe-se que seja parafuso e não seja. Assim tá melhor. Agora me apresenta tua foto, quando eu passar, me passa e põe a coroa. Não importa o que eu diga, você tem que me convencer a te dar o dinheiro. Também não importa quanto, tem que me convencer. Bem, tá vou eu.

ANA 1: Mas o que tenho que dizer?

ANA 2: O que vier à cabeça. Não tem imaginação? Conto-me o dia da tua morte, morando na ilha solitária e os pobres leigosinhos no hospital... O que seja!

ANA 1: É pra quê?

ANA 2: Bem, tá vou... (começa a aploar)

ANA 1: Senhora, senhora, por favor.

T: O que quer?

ANA 1: Uma maravilha, pela amor de Deus.

T: Que maravilha? Então? Não pode nem sequer à mesa se pode ir tranquilamente. A cada pouco se encontra com um vagabundo pedindo mais... vagabundos que arrastam que mais carne do céu. Por que não vai trabalhar?

ANA 1: Não posso, não sei que coisa inválida?

T: Para onde te falta? Com certeza, antes que eu entre na igreja, se levanta e sai para a próxima esquina e lá se dá com cara de fome.

ANA 1: Não, dona... por il verdade que sou uma inválida. A mim ninguém dá emprego.

T: E também tem o dinheiro inválido?

ANA 1: Senhora, por favor... tenho medo desta pobre parafusa.

T: Uma visita é o que há! Se aproveita de parte doente e que tem sentimentos para poder arrancar alguns mais. Porém eu não me deixo convencer, ainda mais que eu consigo parafusos que se mostram ficando trabalhosos demais.

ANA 1: Eu sei falar muito bem. Fala melhor.

T: Sim, claro! O resto de parafusa!

ANA 1: Por favor, senhora... me dá algo.

(Tá começando a chorar, mas Ana 2 interrompe)

ANA 2: Já disse que não.

ANA 1: Sou eu!... Tenho cinco inválidos que estão doentes no hospital.

ANA 2: É por isso não tem trabalho uma mãe dando moradia num filho?

ANA 1: Então dizendo a verdade... Me dá algo, senhora.

ANA 2: Senhora, não posso... não, por favor, preciso a minha parafusa.

ANA 1: Então...

T: Olha aqui menina. Para começar, eu não sou comunista, quero dizer doutora, nem para as imagens das Sérias. O que preciso é a maneira mais eficaz de alcançar a vagabundagem e descompromisso.

ANA 1: Não seja dura, senhora. Me dê algo por cantado, eu lhe pago. Sei que é uma pessoa trabalhosa. Tenho que fazer comida para os meus irmãos.

ANA 2: Ah, é? Não disse que estavam sem trabalho? E não conta que lá eles têm comida, e grão. Claro que não são cobrados impostos, impostos para manter vivos um bando de vagabundos, que deveriam estar presos.

ANA 1: São crianças, senhora.

ANA 2: Sim, claro, cinco rapazes.

ANA 1: Não se vá embora, por favor. Você é a minha única possibilidade de salvagém. Tem que me dar algo.

ANA 2: Eu não me atrevo a lhe dar um centavo.

ANA 1: Não posso chegar em casa sem dinheiro. Dê-me que seu nada, que não serve para nada. Talvez até me coloquem para lavar de novo.

ANA 2: É o que me importa? Dê-me um péssimo.

ANA 1: Eu te pago, senhora. Quer que eu lhe aponte aqui, nos seus pés, e lá sapatos? (Se aponta)

ANA 2: Então que falta fazer. Você não é nenhuma revolta, uma insubmissão, não sim. Uma do meu tamanho!

ANA 1: Tem que me dar algo (aponta a toalha)

ANA 2: O que está fazendo? Está-se no chão e poltoso.

ANA 1: Não, a poltosa não! Não faça isso. Seriam capazes de me prender também.

ANA 2: Não me interessa.

ANA 1: Escute, senhora! Eu tenho que fazer isso porque a minha irmã, minha irmã irmã, está presa e eu não quero me apressar, quero me manifestar, me comprometer! Agora estou só e descomprometida. Tenho que ganhar minha sobrevivência de alguma maneira, por favor, senhora!

ANA 2: Tem uma irmã presa?

ANA 1: Não posso nada de mal, ela não é uma ladra, isso não. É uma comunista!

ANA 2: Uma o quê?

ANA 1: Uma ideologia, entende?

ANA 2: Claro que entende, uma comunista!

ANA 1: Bem, não sei exatamente o que é isso, só sei o que ela me contou.

ANA 2: Claro agora vejo tudo. Você não estava pedindo dinheiro para os pobres semiladrosos, mas sim para revolução, para os guerrilheiros. Policial! Policial!

ANA 1: Senhora, não faça isso, por favor (aponta a toalha novamente).

ANA 2: Simam!

ANA 1: Não, senhor. Vai me salvar em confusão.

ANA 2: Ela está me assustando! Policial!

ANA 1: Cê tá a brisa, vêta brisa! (joga a bolsa e lhe dá um golpe. Ana 2 cai) Está mal, não querê ficar assim, tá maluco? Não pode ver, tá só um golpezinho. Para já... que está acontecendo?

ANA 2: Não posso... não vejo nada! Acha que está me enganar.

ANA 1: Deixe-me ver!

ANA 2: Chame uma ambulância!

ANA 1: Deixe de bobagem, eu quem apelar, deixa eu ver. (Ana 2 incorpora um oficial, dá um golpe em Ana 1 que a leva ao chão) O que é isso?

ANA 2: Levante-se imediatamente, não ladra!

ANA 1: Por que está fazendo isso?

ANA 2: (dado golpe contra Ana 1) Levante-se, já disse. Não resista uma autoridade!

ANA 1: Está pagando tapas.

ANA 2: (dado golpe) A brisa tá aqui é wood! Estava tentando roubar não é?

ANA 1: Eu? Não! Eu gostaria muito de explicar a que...

ANA 2: Não me venha com desculpas. O que tiver para dizer vai dizer! É na delegacia. Levante-se.

ANA 1: Na delegacia?

ANA 2: Sim, esta história de cartotas. Você está preso.

ANA 1: Mas eu não fiz nada!

ANA 2: Aqui temos muitas testemunhas que presenciaram o fato. E aqui estou eu para confirmar tudo. Sendo assim, é melhor que me acompanhe por bem.

ANA 1: Que testemunhas?

ANA 2: Vários, até do chão.

ANA 1: Eu não fiz nada do mal, só estava pedindo carota.

ANA 2: Não, não mordiga! (Se sai por bem no uso a força.)

ANA 1: Você não tem nenhum direito.

ANA 2: Você foi surpreendida em flagrante tentando roubar a bolsa da esposa do deputado... E isso é um crime, violação da Lei.

ANA 1: De qual deputado está falando?

ANA 2: Não se faça de tola. Você já sabe de tudo, é que a polícia nunca falta dinheiro na bolsa. Você estava lá para roubar, eu vi.

ANA 1: Mentira!

ANA 2: Esta é a bolsa, não é?

ANA 1: É minha, sim senhor.

ANA 2: É que gostaria de saber depois de roubar a bolsa, não?

ANA 1: Não é a bolsa, senão não teria ido voltar quando ele chegou.

ANA 2: Você golpe! Não me amarga, ladrona de merda.

ANA 1: Essa ladra é merda!

ANA 2: Já te disse, daqui vai direto para a cadeia. Não tem contar as outras ameaças que tanto conta você.

ANA 1: Ameaças?

ANA 2: Já sabemos de tudo. Sabemos que tem uma irmã comunista, não é?

ANA 1: Ela me encurra a vida. Disse que me enrolaria e pedir desculpas. Ela é a culpada de tudo. Disse que era para a minha irmã.

ANA 2: Para a tua irmã... ou para o bem das quantilhas? Qualquer! (sempre Ana 1)

ANA 1: Eu não sei de nada.

ANA 2: É melhor que me diga de uma vez quem são os outros.

ANA 1: Que outros?

ANA 2: Não me obrigues a aplicar a força. (sempre lá)

ANA 1: Basta!

ANA 2: Fala tudo que você sabe!

ANA 1: Se continuas, eu não digo...

ANA 2: (sempre lá), à quem? à quem vai dizer?

ANA 1: (abrigando)

ANA 2: A quem vai contar?

ANA 1: Me deixa em paz! Me deixa em paz, basta! (Ana 1 sai chorando)

ANA 2: Quando é que você vai aprender?

ANA 1: Te odeio!

ANA 2: Isso eu já sei. (Ana 2 vai até a mesa do desento e pega um dos desentos)

ANA 1: Não toque nas minhas coisas.

ANA 2: Linda mulher! Realmente você é uma artista. A única coisa que sinto... sinto para a pintura, e esta não serve para nada. Me dá pena.

ANA 1: E se digo a ele algo que você fez contra mim?

ANA 2: Eu odeio, volta a olhar o desento! O que é isto? Um pauco?

ANA 1: Me dê isso!

ANA 2: Fiquem calmas! Não se pode estimar uma de suas coisas de arte?

ANA 1: Não quero que você se fogue, nem eu odeio.

ANA 2: É isto? (aparece outro desento) Um retrato? De quem?

ANA 1: O teu retrato! Não reconheces a tua própria vida?

ANA 2: Eu não sou assim.

ANA 1: Eu não pinto o que é... pinto o que vejo.

ANA 2: É o mesmo que você está a ver?

ANA 1: Assim é como se você me disa.

ANA 2: (sempre lá) Não se pode estimar uma de suas coisas de arte?

ANA 2: É, acho que vou ter que me acostumar com a sua sinceridade. Os artistas não são...

ANA 1: Te aconselho que se calde.

ANA 2: De quê?

ANA 1: Te convidam até a cama e te deita. Ana 2 senta-se de frente a ele e de costas ao público.

ANA 2: Há verdade, não sei porque nos enganamos em fazer mal uma à outra. (olhando)
Há fundo nos gostamos muito, mas não sei... não gostamos de intimidade. Não é verdade?
(olhando ô) quase não. (para A) A qualquer momento o velho chega... O que vamos dizer?

ANA 1: Você não tem nada para dizer?

ANA 2: Não tenho vontade quando ver que não falamos nada o dia todo. Bem, com certeza
terei uma hora.

ANA 1: Tem medo?

ANA 2: Não. Mas temo-me que dizer algo, e que falem?

ANA 1: Não sei.

ANA 2: Bem, mas alguma coisa tenho que dizer.

ANA 1: Não fique afita... se tem medo, eu protegerei você, se quiser.

ANA 2: Você? Assim que ele chega você começa a falar.

ANA 1: Não contra mim, ele não faz nada.

ANA 2: Temo-me que inventar uma boa mentira.

ANA 1: Não será fácil.

ANA 2: Poderíamos enganar-te.

ANA 1: Ah?!

ANA 2: Então digamos a verdade.

ANA 1: Você não se atrevia.

ANA 2: Por que está falando assim? Também está muito novo.

ANA 1: Então digamos a verdade.

ANA 2: É de tanta raiva de ser malas, você sabe.

ANA 1: Éa só, mas creio que não te mate... No fundo, ele precisa de você.

ANA 2: De você também. Embora eu nunca diga, ele precisa muito de você. De nós duas.

ANA 1: Eu calar daqui não, mas uma só não é negócio, agora duas sim.

ANA 2: O que vamos dizer? Temo-me que inventar algo rápido. Ele pode chegar a qualquer
momento.

ANA 1: Por que não contamos sobre o bordel?

ANA 2: Não seja enigmática.

ANA 1: Então sobre o parque.

ANA 2: Por favor, é sério (para a audiência).

ANA 1: Melhor ainda. Diga tudo o que realmente aconteceu.

ANA 2: Você sabe que em esta época de nos matar de fome?

ANA 1: Assim não vejo muito sentido e não por não comê-lo.

ANA 2: Não, não não. Inventa alguma coisa, por favor!

ANA 1: Não tem a verdade, só pensa em você mesmo.

ANA 2: Não seja tola. Olha, a mulher a fazer o mesmo daqui.

ANA 1: Ah sim?

ANA 2: Sim, vamos para onde nunca possa nos encontrar.

ANA 1: E para onde poderíamos ir?

ANA 2: Eu conheço um lugar. Tenho uma amiga...

ANA 1: Ah não! Prefiro outras coisas, de que tem pó.

ANA 2: Mas lá estamos seguros, temos casa e comida.

ANA 1: É uma sentença de prisão por isso. Não, obrigado, me entendo com o solho, é mais cómodo.

ANA 2: Bem, então vamos a qualquer outro lugar.

ANA 1: Eu gostaria de ir para Nova York.

ANA 2: Então falando sério?

ANA 1: O que está acontecendo, não tem senso de humor, querida? Está nervosa?

ANA 2: A qualquer momento ele chega. Tenho que sair uma tarde.

ANA 1: Eu tenho uma! Dêmos que estamos de graça até que tenhamos nosso salão. Que tal?

ANA 2: Interui. Que mulher amigo?

ANA 1: Se não gosta disso, procure outra mulher.

ANA 2: Você daria qualquer coisa para proporcionar o solho me tornando. Me falando.

ANA 1: Tem razão, mas não me culpe por isso. É que te odeio demais.

ANA 2: Não, meu amor. Eu já te defendi muitas vezes!

ANA 1: É que eu sou uma ingrata.

ANA 2: Eu já menti por você!

ANA 1: Você vê. Não se pode apagar ninguém nesta vida. Cate sempre e está amando-teu olho.

ANA 2: Mentir!

ANA 1: Já para ouvir seus passos. Ele está começando a subir.

ANA 2: Eu vou não vou permitir que me pegue. Não preciso de nada, nem sequer de você!

ANA 1: Vai voltar. Não resistirá muito tempo agora.

ANA 2: Jamais a procurar após não voltar.

ANA 1: De qualquer modo, me manda alguma carta por onde for.

ANA 2: Vai se despedir por ter me abandonado no momento que mais precisava de você!

ANA 1: Vai rápido. Não vai poder compor a letra de um hino agora, não?

ANA 2: Mas preciso de dinheiro. Você tem?

ANA 1: Eu não. Sou uma pessoa de lá com essas limitações.

ANA 2: Você tem, eu sei.

ANA 1: Sei onde tem, e muito!

ANA 2: Onde?

ANA 1: Nos colares das bancas.

ANA 2: Onde está o dinheiro? Não dá.

ANA 1: Não.

ANA 2: Estou muito nervosa. Me dá, e rápido.

ANA 1: Por quê...

ANA 2: A bolsa? A bolsa que roubaram, onde está?

ANA 1: Se refere à bolsa de sua senhora?

ANA 2: Você sabe onde está, você sabe?

ANA 1: Não sei do que está falando.

ANA 2: Você viu onde são as guardas?

ANA 1: Não vejo, não vejo, não consigo.

ANA 2: Não tenho muito tempo para perder!

ANA 1: Mas pra onde está pensando em ir?

ANA 2: Sem coragem.

ANA 1: Não!

ANA 2: Prometo trabalhar pra você. Será sua escusa. Mas onde está a bolsa? (graspa).

ANA 1: Minha, minha.

ANA 2: Não me faça isso!

ANA 1: Quanta, está esperando.

ANA 2: Tem que estar por aqui?

ANA 1: Já sinto meu nariz pingando. É engraçado como se pode reconhecer uma pessoa até pelos poros.

ANA 2: Você não pode ficar lá. Tem que me ajudar, vem comigo. Assim tudo será mais fácil.

ANA 1: Deve estar a cinquenta metros daqui.

ANA 2: Eu te explico, Ana.

ANA 1: Como disse?

ANA 2: Não seja covete.

ANA 1: Você é quê?

ANA 2: Vamos agora. É a nossa única oportunidade.

ANA 1: Não explique.

ANA 2: Fita da pulseira. Vou te mostrar os olhos com as unhas.

ANA 1: É vai embora sem saber onde está a carteira da senhora? Não se preocupe! (mostra a bolsa)

ANA 2: [Paga o bilhete] É assim!

ANA 1: Achou a fortuna.

ANA 2: Aqui não tem nada. Coloque a bilha no chão, paga uma moedinha e aguarde Ana 1) Vai ter! Não tem nada aqui no chão?

ANA 1: Não tem!

ANA 2: Você tem muita vergonha.

ANA 1: Cuidado com isso.

ANA 2: Me entregue a bilha, eu te ensino a cara.

ANA 1: [Ana 1 escapa e joga um papoto] Paga.

ANA 2: Minha. Podeste ter vindo comigo. Mas agora não te pedes para mais nada.

ANA 1: Se vai lá verdade?

ANA 2: Eu não creio em coisa.

ANA 1: Você não pode ir, não pode.

ANA 2: Não me.

ANA 1: Tu paga perdão. Por favor. Você sabe que não posso ficar sem você.

ANA 2: Eu te ensino!

ANA 1: Escute-me, por favor. Ele não tem nada contra você. Eu prometo que ele não te toca. Dê-me que você me apóia, que a culpa é minha, mas por favor, não me deixe sozinho.

ANA 2: Não me. [para Ana, muda quando Ana]